

*Uma análise sobre a objetificação feminina em Mulheres Frutas – Efeito Melancia, de Salma Ferraz*

RESUMO: Os resquícios da cultura patriarcalista estão ainda hoje presentes em nossa sociedade. Uma das formas de materialização dessa ideologia patriarcal é a objetificação do ser, ou seja, tratar o outro como inferior, seja pela raça, etnia, gênero ou religião. Este trabalho caminha na discussão da superposição discursiva de representações culturais de animais feminilizados e mulheres animalizadas – presente na *Política sexual da carne* (2012). Tendo-se em vista que a cultura androcêntrica possui em sua essência a visão do objeto sexualmente desejado como consumível, pretende-se analisar de que forma essa visão é abordada no conto *Mulheres Frutas – Efeito Melancia* (2012), da autora contemporânea Salma Ferraz.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Objetificação. Salma Ferraz.

1) A Política Sexual da Carne: superposições discursivas

O movimento feminista ao longo dos últimos anos vem introduzindo em seus debates uma questão que não poderia ser relegada a segundo plano: a relação entre o discurso feminista e a adoção de práticas vegetarianas e veganas.

Os debates sobre o assunto já fazem parte do mais acessado blog feminista *Corra Lola, Corra*, como bem observa Carmo & Bonetti. Desde 2009 o blog tem publicado artigos abordando temas relacionados ao veganismo e, em especial no ano de 2011 teve um <sup>1</sup> *guest post*, com o seguinte título: “Especismo deve ser tema das lutas das mulheres”<sup>2</sup>, em que segundo as autoras “A opressão e a exploração dos animais tem muito a ver com a opressão das minorias humanas, como mulheres e negros” (CARMO & BONETTI, 2013, pp. 01-02) O post ocupou a posição de 11º lugar entre os posts mais lidos do ano de 2007, o que demonstra uma preocupação e interesse crescentes no movimento feminista de relacionar suas práticas com as práticas vegetarianas e veganas.

---

<sup>1</sup> O *guest post* consiste numa postagem escrita por alguém convidado. No caso, o artigo foi escrito por Deborah Sá e Patrícia Nardelli.

<sup>2</sup> O *guest post* pode ser encontrado no seguinte link: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2011/07/guest-post-especismo-deve-ser-tema-das.html>. Acesso em 13 de fevereiro de 2014.

No mês de julho de 2012, na época do lançamento do livro *A política sexual da carne* no Brasil, o blog chamado *Blogueiras Feministas*<sup>3</sup> publicou um post acerca do livro e uma entrevista com a autora, Carol J. Adams. Na entrevista, Adams afirma que escreveu o livro para mudar a mente das pessoas e, mudando suas ideias sobre o consumo de carne e masculinidade, conseqüentemente mudariam suas vidas e seus hábitos alimentares.

O solo em que este artigo se apoia ainda é muito escorregadio. Se ainda são poucos os estudos entre a relação do feminismo com o veganismo, esta questão expandida a textos literários é quase nula. Tendo esse novo estudo em vista, este artigo se propõe a discutir o entrelace da *Política Sexual da Carne* com o conto *Mulheres Frutas – Efeito Melancia* da escritora Salma Ferraz.

Carol J. Adams em seu livro *A Política Sexual da Carne* apresenta argumentos consistentes para relacionar a perpetuação do machismo e do sexismo através do consumo de carne. Sua linha de pensamento se inicia com exemplos de sociedades em que o consumo de carne é exclusivo para homens, enquanto que para as mulheres são relegados os vegetais e as frutas. Segundo a autora, a virilidade do homem se deve ao consumo de carne e nisto há uma dupla relação: por ser homem ele *deve* comer carne e por comer carne ele se torna viril.

Um dos pensamentos centrais do livro se foca na questão do referente ausente. Na palavra carne, de acordo com esse pensamento, o animal morto torna-se o referente ausente:

Por meio do retalhamento, os animais se tornam referentes ausentes. Os animais com nome e corpo tornam-se ausentes como animais para que a carne exista. A vida dos animais precede e possibilita a existência da carne. Se eles estiverem vivos, não poderão ser carne. Assim, o corpo morto substitui o animal vivo. Sem animais não haveria consumo de carne, mas eles estão ausentes do ato de comer carne, por terem sido transformados em comida (ADAMS, 2012, p. 79).

A linguagem, conseqüentemente, possui um papel fundamental renomeando corpos de animais mortos em uma nova palavra com sentido flutuante. O retalhamento dos animais é o que os transforma em carne: eles entram nos matadouros sendo seres vivos e de lá, pedaços de seus corpos mortos são transformados em alimento. A

---

<sup>3</sup> O post ser encontrado no seguinte link: <http://blogueirasfeministas.com/2012/07/a-politica-sexual-da-carne/>

mudança de termos é essencial no consumo. Não falamos “pedaço de bezerro anêmico” e sim, vitela. Se falássemos essas verdades inconvenientes, certamente muitos não mais comeriam carne. O retalhamento dos animais os transforma em algo sem vida, inerte, destituído de sentimentos.

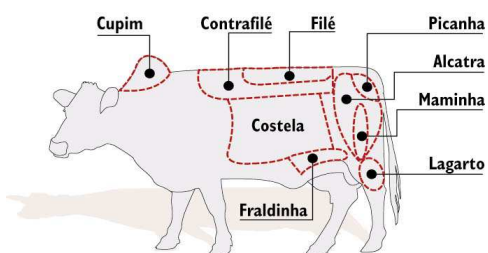
Metaforicamente, segundo a autora, “o referente ausente pode ser qualquer coisa cujo significado original é solapado, ao ser absorvido numa hierarquia de significado diferente” (ADAMS, 2012, p. 80). Neste sentido, por meio da estrutura do referente ausente ocorre uma dialética da ausência e da presença dos grupos oprimidos. No livro de Adams, há a correlação entre animais retalhados e mulheres que sofrem algum tipo de violência sexual. Mulheres estupradas, frequentemente, dizem que “se sentiram como um pedaço de carne”. Isso ocorre porque o “sentir-se como um pedaço de carne” ocorre em um sistema metafórico da linguagem. Segundo Adams “sentir-se como um pedaço de carne é ser tratado como um objeto inerte quando, na verdade, se é (ou era) um ser vivo e capaz de sentir” (2012, p. 96). Ao se sentirem dessa forma, essas mulheres mostram que, naquele momento da violência, tornaram-se objetos, ou seja, algo a ser consumido. Os animais tornam-se o referente ausente nesta situação. Deste modo, a violência sexual e o consumo de carne, possuem no referente ausente um ponto de intersecção.

Para conseguir consumir a carne, as partes do corpo do animal são renomeadas, “para que o fato de já terem pertencido a um animal seja obscurecido” (p. 87). Da mesma forma que o corpo de um animal é visto por partes consumíveis - como é possível ver na figura 1- a indústria pornográfica propagou a imagem de partes soltas do corpo feminino contendo apenas pernas, coxas, bundas, vaginas, peitos – como mostra a imagem 2. Na primeira imagem lê-se: “Todos os animais possuem as mesmas partes”. Essa frase sexista mostra que as mulheres são comparadas aos animais. Essa comparação acontece, porque da mesma forma que os animais são vistos como meros objetos de consumo, a mulher também o é. A mulher, portanto, é fragmentada e vista como um objeto de consumo, ou seja, ela é objetualizada ou coisificada, assim como os animais. Coisificar significa transformar em coisa, em objeto.

Figura 1



Figura 2



O consumo de imagens de mulheres pela mídia machista é, segundo Adams, “a efetivação da opressão, a aniquilação da vontade, da identidade separada” (p. 86). Com esse retalhamento, as mulheres se tornam objetos consumíveis. É importante salientar que enquanto as mulheres se tornam emocionalmente retalhadas e são, em alguns casos, fisicamente espancadas, os animais são de fato transformados em pedaços de carne, isto é, são assassinados.

A indústria pornográfica vende a imagem de mulheres retalhadas<sup>4</sup> há muitos anos. Programas de televisão em que as mulheres aparecem nuas povoam a televisão aberta desde seu início. O programa “Cocktail”,<sup>5</sup> exibido pelo SBT na década de 1990 é um exemplo disto, em que mulheres vestidas com fantasias de frutas mostravam os seios ao final do programa. Na década de 1980, como nos mostra Salma Ferraz,

(...) eram a *Rainha dos presídios*, Rita Cadillac, que se automeou como vovó das mulheres frutas; a *Rainha do Bumbum* e da *Bunda Music*, Gretchen (...) e a *Rainha do Tchan*, Carla Perez. Estas musas do bumbum ainda tinham nome (FERRAZ, 2012, p. 09).

Parece ser aí o berço das famosas “mulheres frutas”, conhecidas atualmente. Mulher morango, mulher melancia, mulher melão: as características físicas mais

<sup>4</sup> Entende-se esse retalhamento feminino de forma metafórica.

<sup>5</sup> O programa pode ser visto pelo seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=MKNBkKifOks>

salientes de cada mulher que lembram uma fruta torna-se seu nome comercial e seus nomes próprios são apagados. A identidade dessas mulheres parece ser apagada para construir uma nova identidade, sem que elas mesmas escolham qual será sua nova identidade.

Poderíamos, inicialmente, pensar que essa associação às frutas seria pela própria aproximação que os textos patriarcais da carne apontam: as mulheres são associadas a frutas e legumes, enquanto os homens são associados à carne. O vegetal, neste caso, seria algo considerado sem vida, inerte, vide a própria significação da palavra vegetal para um ser humano, como na frase “o indivíduo está em estado vegetativo”, por exemplo. De acordo com Adams, “vegetar é ter uma existência passiva; do mesmo modo como ser feminino é ter uma existência passiva” (2012, p. 72). Entretanto, este pensamento não avança, já que além das mulheres frutas, existe também a “mulher filé”. Na divulgação de uma revista masculina, cuja capa era a Mulher Filé, ela se encontrava entre pedaços de carne, como mostra a figura número 3. Logo, o que permeia todas essas mulheres mencionadas acima seria a visão de que são objetos consumíveis.

Figura 3



O que perpassa essa visão de que mulheres são consumíveis é a violência simbólica. Pierre Bourdieu trata da questão em seu livro *A dominação masculina* e segundo o autor, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica. Por esse conceito, Bourdieu compreende o poder que impõe significações, impondo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força. Segundo ele, “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física”

(BOURDIEU, 2005, p. 50). De acordo com esse pensamento não existe violência física, porém este tipo de violência é tão destrutível quanto aquela. De acordo com o teórico, a dominação masculina se manifesta na unidade doméstica amparada por instituições como a família, a Igreja, a escola e o Estado. Bourdieu não cita a mídia, porém, pode-se afirmar que é uma das instituições que mais propaga a violência simbólica.

Os animais do sexo feminino, tanto humanos quanto não-humanos são os que mais sofrem com a opressão, a exploração e a violência. Nos rebanhos as fêmeas são as mais exploradas. As matrizes (sejam vacas, porcas, ovelhas, cadelas) são estimuladas continuamente por hormônios para entrar no cio e gerar filhotes ou para terem seus óvulos extraídos em grande quantidade. Não raro esses animais adoecem ou morrem de exaustão devido às gravidezes e partos consecutivos. As vacas que apresentam problemas para parir são submetidas a procedimentos extremamente violentos e dolorosos. Na maioria dos aviários as galinhas poedeiras são confinadas sob condições extremamente insalubres para produzirem mais ovos. Assim sendo, percebe-se que suas características femininas são exploradas para levar alimentos para a mesa dos seres humanos. Da mesma forma, as mulheres sofreram muito e ainda sofrem com o pensamento essencialista, no qual elas são vistas como procriadoras e donas do lar. As fêmeas dos animais não-humanos, por sua vez, não possuem meios de defesa, sendo ainda mais exploradas e subjugadas.

Adams reitera em seu livro que as feministas americanas aprendem a intersecção da opressão das mulheres com a dos animais através do referente ausente apenas para fazer avançar as questões feministas e não a dos animais (ADAMS, 2012, p. 104). Faz-se necessário, então, focar nas duas formas de opressão com o mesmo interesse para poder desconstruí-las.

Tendo em vista todas estas questões, buscaremos analisar o conto *Mulheres Frutas – Efeito Melancia*, da autora Salma Ferraz à luz da teoria proposta por Carol J Adams.

## 2) Uma análise do conto *Mulheres Frutas – Efeito Melancia*

Salma Ferraz é professora de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina e também escritora, com mais de 15 livros lançados, entre teóricos e ficcionais. Sua escrita se mostra extremamente jocosa e sarcástica, utilizando-se do humor para criticar os valores patriarcais. *Mulheres Frutas – Efeito Melancia* é um exemplo da crítica bem

humorada que a autora realizou. Ele pertence ao livro de contos *Nem sempre amar é tudo* (2012) e também possui uma publicação própria, em livro. O próprio formato do livro causa um estranhamento no leitor: é uma fatia de melancia. Dessa forma, unindo uma narrativa simples e bem humorada, Salma Ferraz traz ao seu leitor um cenário e acontecimentos inusitados.

O conto narrado em terceira pessoa possui um tom de humor e crítica que são acentuados durante a narrativa. A trama se passa em um dia quente de Florianópolis, quando a personagem principal - cujo nome não é revelado - vai à farmácia encomendar uma bisnaga de um creme firmador. Lá, enquanto espera ser atendida, junto a outras mulheres, se depara com uma moça seminua, trajando apenas um biquíni e um vestido transparente. A mulher chama a atenção e incomoda, ao mesmo tempo, por estar vestida de forma vulgar e mostrar partes de seu corpo. Além disso, gera curiosidade: ela pede meio quilo do creme firmador. Por outro lado, o atendente da farmácia fica deslumbrado com a moça e seus atributos físicos. Depois de passado certo tempo, ao voltar à farmácia, a protagonista descobre que o atendente e aquela mulher, que era casada, fugiram juntos.

A narrativa possui vários neologismos relacionados à palavra bunda, como: “Era Bundozóica”, “bundalhas”, “bundólatra”, “bundiota”, “bundosfera”, “analfabunda”, “bandomídia”, entre outros. Toda essa relação com a palavra bunda intenta chamar a atenção para a idolatria que a sociedade e a mídia dispensam para essa parte do corpo feminino e criar um universo de crítica a essa forma de veneração. Há ainda outra relação, a com as “mulheres frutas”. A mulher seminua do conto é vista como uma mulher bunda: “Observei as mãos da *Mulher Bunda* retirarem algo de dentro de sua bolsa” (FERRAZ, 2012, p. 07).

O termo “mulher fruta” está relacionado a mulheres com corpos curvilíneos, de cintura fina, quadris largos, coxas grossas e sem flacidez, seios de silicone e cirurgias estéticas. Corpos estes que, são fabricados, construídos em horas de esforços, malhações e “puxadas de peso” nas academias de ginástica. Esse padrão de beleza relaciona-se as das dançarinas do funk. Quase todas as mulheres frutas são dançarinas de funk. Houve nos últimos anos uma proliferação dessas dançarinas, como Mulher Melancia, Jaca, Maçã, Melão, entre outras. A escolha pelo nome geralmente se dá em referência a alguma parte da anatomia feminina. Segundo Melhem e Rosas, “voluntariamente tais mulheres se comparam às frutas, que se oferecem popularmente, podem ser apalpadas e descartadas ou consumidas e jogadas no lixo” (2013, p. 09).

Nota-se, destarte, que ser uma mulher fruta é tornar-se um objeto de consumo, uma coisa. Elas são coisificadas ou objetualizadas. Ao tornar-se uma coisa, a mulher vira algo decorativo, instrumento das vontades masculinas, sem vontade própria, inanimada. Não são raros os exemplos em que as próprias mulheres incentivam essa atitude de coisificar, sustentando discursos machistas sem sequer o perceber. No conto, a protagonista mostra seu machismo velado ao comparar a outra personagem a um pedaço de carne:

Tapou completamente nossa visão uma gigantesca *bola de carne* bronzeada e arredondada. O que era aquilo?! Uma delineadíssima bundaça, tendo como detalhe um pequeno biquíni que tentava se equilibrar naquela macrobunda. O biquíni branco apenas enfeitava, era um detalhe naquela montanha obscena. Cobrindo aquela bundiota, apenas um vestidinho transparente de voal (FERRAZ, 2012, p 06, grifo nosso).

Comparar uma mulher a um pedaço de carne significa que o referente ausente neste caso é o animal, como nos mostra a teoria de Carol J. Adams.

O conto se constroi com um discurso de ódio às mulheres frutas. A situação gera uma indignação na protagonista que faz uma verdadeira “ode à bunda”:

Ódio às bundas burguesas! Ódio às bundas pocotós! Ódios às chinocas! Ódio à todas as bundas da Playboy! Ódio às bundas da Praia Mole! Ódio às bundas melancias! Ódio às tanajuras! Ódio à bundarização do Brasil, na qual a mulher só vale pela bunda que carrega (FERRAZ, 2012, p. 13).

Esta ode possui um intertexto com a “Ode ao burguês”, de Mário de Andrade. Este ódio pode ainda ser visto como um sentimento de indignação que a protagonista possui ao ver outra mulher rebaixar-se a mero objeto ou mesmo como uma inveja disfarçada. A protagonista também se mostra vaidosa, senão não estaria comprando o creme firmador. Deste modo, ao ver a outra mulher com um corpo exuberante, seu fascínio e sua inveja se mostram com um discurso amargo de ódio:

Sai dali nauseabunda, odiando aquele bundólatra indecente, odiando aquela vaca rabuda, aquela pornobunda que tinha nascido com o traseiro virado para a lua, que gastava 2.500 reais numa bolsa francesa, praguejando contra aquele marido que gastava 3.000 reais num pote de DMAE, para manter aquela boçalbunda empinada, sem nem um mísero buraquinho de celulite. Minhas carnes tremiam de



ódio, não invejava a bolsa, nem o marido rico, mas aquele bunda... Afinal, não se pode ter tudo na vida! Aquela bunda ululante estragara meu dia, meu mês, meu verão. Mas eu dava minha bunda pra bater que aquela bunda não permaneceria nas mãos de um único dono por muito tempo. Era bunda demais para um único degustador... Era como uma melancia, demais para um só... (FERRAZ, 2012, p. 08).

Podemos pensar, ainda, que as identidades sociais são construídas discursivamente durante as interações sociais. A construção das identidades sociais está sempre em processo, através de um constante reposicionamento. Nossas identidades são múltiplas, fragmentadas, complexas e contraditórias. Não são nunca fixas e estão sempre sujeitas a mudanças. Segundo Bauman,

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Assim, podemos considerar que as identidades são transitórias, provisórias, desestabilizam a noção de fixidez na contemporaneidade e que não faz sentido haver uma solidificação das mesmas, no que diz respeito às práticas sociais (MELO, 2009, p. 04). Portanto, podemos dizer que a identidade não pode ser caracterizada com durabilidade, uma vez que ela estará numa condição eterna de ser frágil, provisória e inconclusa. O que nos faz remeter a Hall (1998) quando este nos diz que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 1998, p.38). E ainda, segundo o teórico, a identidade da pessoa é formada na interação entre o eu e a sociedade. As identidades são, desta forma, construídas por meio da diferença e não fora dela.

Trazendo estes conceitos de identidade ao conto, percebemos que as identidades de ambas as personagens são construídas por meio de suas ações. Uma das identidades assumidas pela coadjuvante do conto e por muitas mulheres na vida real está diretamente ligada ao corpo e ao erotismo. Isso, contudo, não impede que sua identidade sofra mudanças e que ela não possa ser, um dia, uma “mulher cérebro”.

O ódio da protagonista alimentado pelas mulheres frutas é compreensível, pois o feminismo trouxe às mulheres a libertação das amarras sexuais, a possibilidade de prazer feminino, entre outras conquistas. A exposição, no entanto, a que essas mulheres se submetem vai contra a própria ideologia feminista de possuir o domínio de seu corpo. Em uma visão superficial, muitos podem pensar que poder expor o corpo é uma das conquistas do feminismo. Porém, ao analisar profundamente, percebemos que essa exposição feminina vai na contramão dos pensamentos feministas: ainda que a mulher seja dona do seu próprio corpo, ela está o usando para reafirmar as crenças machistas.

O ser humano, por sua vez, é livre para escolher aquilo que deseja ser, para escolher sua essência. Muitas mulheres *escolhem* valorizar seu corpo e serem vazias interiormente, assim como outras valorizam seu corpo e ao mesmo tempo possuem riqueza espiritual. A doutrina Existencialista nos mostra que o ser humano tem total liberdade para escolher o que se torna e é responsável, portanto, por suas ações.

### 3) Algumas considerações finais

Não estamos livres da política sexual da carne em nenhum momento. Seja quando navegamos pela internet, seja quando lemos revistas e principalmente seja quando ligamos a televisão. Este cubo mágico propaga a política sexual da carne em programas dominicais como se fosse mera banalidade: em um açougue, chega uma mulher vestida com estampas de bichos e o apresentador anuncia “essa maminha é das boas”. O vídeo, infelizmente, foi retirado do ar. Mas outros estão circulando continuamente pela rede, difundindo o machismo, o sexismo, a violência.

Recentemente na Espanha, O Dia Mundial Sem Carne foi marcado com protestos e manifestações. Homens e mulheres posaram ensanguentados dentro de bandejas de isopor, remetendo a bandejas expostas em açougues. Essa forma de protesto — ilustrada com a foto abaixo — sintetiza a política sexual da carne e as superposições que esse artigo pretendeu mostrar.

Figura 4



## Bibliografia

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina*. Trad. Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARMO, Íris Nery do; BONETTI, Alinne. Viva o feminismo vegano!: o corpo em foco entre zines, shows e oficinas. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENTRELACANDO SEXUALIDADES, 3, 2013, Bahia. *Anais...* Salvador: 2013, p. 01-15.

FERRAZ, Salma. *Mulheres Frutas – Efeito Melancia*. Blumenau: Edifurb, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

MELHEM, Patricia Manente; ROSAS, Rudy Heitor. A coisificação da mulher e o reforço da negação da vitimização: retorno à “lógica da honestidade”? In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS CRIMINAIS, 4, 2013, Rio Grande do Sul. *Anais...* Porto Alegre: 2013, p. 01-15.

MELO, Daniele Neves. Visões de discurso, identidade e cultura numa perspectiva multiculturalista. *Revista Linguagem*, Florianópolis, Edição 9, p. 01-06, jun./jul./ago. 2009.